

MUMFORD, STEPHEN.
METAPHYSICS: A VERY SHORT INTRODUCTION.
OXFORD: OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2012.

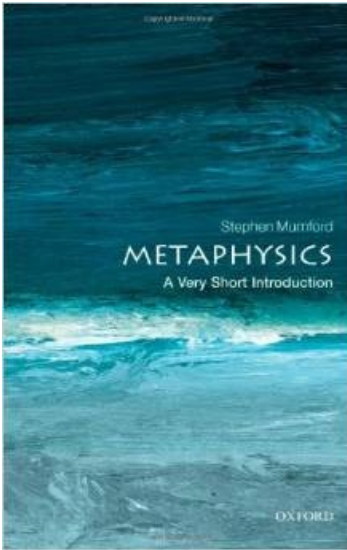
Renato Mendes Rocha

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina
Bolsista CAPES
Visitante na Australian National University

Natal, v. 21, n. 36
Jul.-Dez. 2014, p. 319-326

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



Este pequeno livro apresenta-se como uma notável introdução à metafísica. Escrito pelo filósofo e professor de metafísica da Universidade de Nottingham, Stephen Mumford, o livro *Metaphysics: a very short introduction* compõe uma coleção editada pela *Oxford University Press* que já conta com mais de trezentos volumes publicados. Em cerca de uma centena de páginas Mumford apresenta de maneira introdutória os principais temas das discussões contemporâneas sobre metafísica. O livro pode servir como um contra-exemplo àqueles que acreditam ser a

metafísica uma área de estudos em declínio. Os principais problemas da metafísica são apresentados em dez capítulos, em uma abordagem que privilegia a filosofia analítica. Em todos os capítulos o autor demonstra uma admirável capacidade de revelar os problemas filosóficos que podem surgir a partir do exame de perguntas que podem ser considerados banais pelo senso comum. Por exemplo, ao perguntar “o que é um círculo?” se discute o problema dos universais, uma questão tratada por filósofos na antiguidade e que ainda interessa aos filósofos contemporâneos.

O autor opta por uma abordagem a partir dos problemas filosóficos, mas não ignora os autores que se tornaram clássicos ao longo da história da filosofia. Por exemplo, não deixa de mencionar Platão e Aristóteles ao tratar do debate sobre substância e universais, Descartes ao tratar do problema mente-corpo, Locke na discussão a respeito da identidade pessoal, David Hume quando trata do problema da causalidade ou David Lewis na discussão da natureza metafísica dos mundos possíveis. Em todo o caso, uma qualidade do livro é apresentar os problemas de maneira clara e a partir de uma questão muito simples, elevando progressivamente a discussão para níveis mais abstratos e complexos. Além disso, o

livro possui onze imagens que ilustram os temas com humor, e comporta referências a filmes e séries de TV que apresentam algum cenário interessante do ponto de vista metafísico.

O livro se divide em dez capítulos. Sendo que cada um deles explora problemas filosóficos que estão por trás de perguntas que podem ser consideradas aparentemente simples. Por exemplo, a partir das perguntas “o que é uma mesa?” e “o que é um círculo?” discute-se o problema das propriedades; a pergunta “é o todo apenas a soma de suas partes” dá lugar ao problema constituição de objetos materiais; da pergunta “o que é a mudança?” emerge o problema da identidade ao longo do tempo; a pergunta “o que é uma causa?” introduz o problema da causalidade; a pergunta “como o tempo passa?” remete para discussões sobre a natureza e a passagem do tempo; a pergunta “o que é uma pessoa?” levanta o problema da identidade pessoal; a resposta à pergunta “o que é possível?” resulta em uma introdução ao problema das modalidades metafísicas; a pergunta “o nada é algo?” apresenta discussões relacionadas ao nada, a existência de propriedades negativas, a causação por ausência, etc.; por fim, o último capítulo promete responder à questão metateórica “o que é metafísica?”. Nesse capítulo final o autor explicita a sua concepção de metafísica como uma disciplina que lida com questões de natureza geral acerca da realidade, a distingue da física, compara o trabalho do filósofo ao do cientista e defende a metafísica contra críticas originadas a partir de uma certa interpretação do trabalho de Kant. Nos parágrafos seguintes pretendo expor brevemente a discussão apresentada em cinco dos capítulos do livro – os capítulos um, dois, cinco, oito e dez.

No primeiro capítulo, Mumford mostra como o olhar filosófico direcionado a objetos da vida cotidiana pode levar a perguntas cujas respostas desvelam problemas de natureza metafísica. Por exemplo, nesse capítulo ele inicia perguntando “o que é uma mesa?”. A partir das diferentes formas de responder a essa pergunta, apresenta duas teorias rivais sobre identidade de particulares: a teoria do substrato e a teoria do feixe de propriedades, e discute os problemas relativos a cada uma delas.

Em síntese, a teoria do substrato postula que para cada particular existente há uma substância inerente àquele particular. Esse substrato seria como uma pequena almofada de espetar alfinetes (as suas propriedades). Pela sua parte, a teoria do feixe de propriedades nega a existência do substrato e afirma que cada particular não é nada mais que um feixe, uma coleção de propriedades.

No segundo capítulo, Mumford trata de alguns dos aspectos mais abstratos da discussão, como o célebre problema “Um sobre Muitos”, que pode ser assim descrito: como algo (*e.g.*, uma propriedade) pode estar ao mesmo tempo presente em muitos particulares? Ao apresentar a solução que envolve a postulação de universais, considera a doutrina platônica, que apresenta sob a forma de um realismo de propriedades (as propriedades existem de fato), em oposição ao nominalismo, enquanto forma de antirrealismo (as propriedades não existem). Na sequência, apresenta o *nominalismo de semelhanças*, que defende que não há universais e que o fenômeno “Um sobre Muitos” pode ser explicado pela relação de semelhança entre particulares distintos. Apresenta também a *teoria de tropos*, que defende que além de particulares concretos há também particulares abstratos - as propriedades individuais de cada particular.

No capítulo terceiro Mumford introduz questões que estão relacionadas à mereologia - o estudo das relações entre a parte e o todo. Uma visão filosófica associada à mereologia é o atomismo, a crença de que a realidade é constituída por partes simples, átomos que seriam os constituintes básicos da realidade. Uma questão filosófica importante dessa área é saber se um todo pode ser considerado apenas a somatória de suas partes constituintes. Isso parece ser verdadeiro para alguns objetos, por exemplo, uma pilha de caixas, mas parece ser falso para objetos mais complexos como, por exemplo, um telefone celular no qual certas funcionalidades estão apenas disponíveis quando as suas partes estão montadas de uma determinada forma. Dentre as posições apresentadas anteriormente, a primeira delas é conhecida como *reducionista*, pois defende que as partes podem explicar completamente o

funcionamento do todo. A segunda posição é conhecida como *emergentista*, pois defende que o todo é algo maior que a mera soma de suas partes, ou seja, que há novos fenômenos a serem estudados no todo que não estão presentes apenas em suas partes isoladas. Uma terceira posição ainda seria o *holismo*, a tese segundo a qual o todo possui prioridade em relação às partes. Posições semelhantes a estas estão presentes nos debates próprios da biologia e da filosofia da mente.

O capítulo cinco sobre causalidade talvez seja um dos melhores do livro, pois trata de um tema do qual o autor é especialista. Mumford é partidário do realismo científico e considera que causas (e poderes causais) são partes fundamentais da realidade. Mumford afirma que as conexões causais devem existir porque há um certo grau de previsibilidade em algumas ações humanas. Nesse capítulo, ele apresenta sucintamente algumas ideias de Hume para então procurar refutá-las ao expor a sua própria teoria a respeito das conexões causais. Mumford nos lembra de que Hume afirmou que as conexões causais são sempre inobserváveis. Para os filósofos humeanos a causação é apenas uma regularidade observada. Alguém pode ver que um evento A causa outro evento B. Mas, como alguém pode saber que se A não ocorresse B também não ocorreria? Mumford apresenta algumas teorias que procuram responder a essa pergunta. A primeira é a teoria contrafactual da causalidade que afirma que analisa o mundo possível mais próximo ao mundo atual em que A não ocorre. Se naquele mundo possível o evento B também não ocorrer, então se conclui que, no mundo atual, A causa B. Mumford acredita que uma alternativa que se aproxima da prática científica seja mais promissora. Essa alternativa recorre ao uso de hipóteses, experimentos e do método da diferença que consiste no planejamento e execução de dois casos testes que possam ocorrer em condições o mais semelhantes possível, sendo que em um dos testes há o evento em questão e no outro não. Assim, observa-se a diferença resultante é encontrada ao introduzir-se um novo fator. Mumford ainda apresenta o *singularismo*. Uma teoria que critica as inferências de causas gerais a partir do conhecimento de causas particulares. Para responder a

essa crítica, Mumford esboça a sua teoria de poderes causais na qual introduz uma terceira modalidade existente entre a possibilidade e a necessidade. Mumford prefere afirmar, por exemplo, que fumar tende a produzir câncer, ao invés de afirmar categoricamente que fumar causa câncer. Assim, essa parece ser uma explicação adequada para os fenômenos de causalidade, uma vez que a presença de poderes causais não torna o efeito necessário, mas esses devem ser combinados com outros fatores para que os efeitos esperados de uma ação causal sejam realizados. Nesse ponto, Mumford evoca Aristóteles como um dos defensores da existência de poderes (potências) na realidade. Por fim, ele conclui o capítulo apresentando o quadro da discussão entre humeanos e anti-humeanos. Ambos os lados parecem concordar quanto a ocorrência de certos fenômenos na realidade, mas discordam em como explicar a ocorrência desses fenômenos ao usarem vocabulário diferentes. Enquanto os primeiros preferem explicar em termos de regularidades desconexas, os segundos preferem usar termos como “causa”, “produz”.

O capítulo oito explora problemas relacionados às modalidades metafísicas. O autor aponta vários exemplos de como podemos pensar a respeito das possibilidades e de como elas também fazem parte da realidade. Duas teorias sobre mundos possíveis são apresentadas e criticadas. A primeira é o realismo modal genuíno de David Lewis e a segunda a teoria combinatória de David Armstrong. Em relação à primeira, que defende a existência “concreta” de uma pluralidade de mundos possíveis e apesar de considerar a grande utilidade filosófica dessa teoria, o autor apresenta a crítica da irrelevância modal. Essa crítica consiste em afirmar que tratar possibilidades a partir de contrapartes e mundos possíveis na verdade não é um tratamento adequado para possibilidades, uma vez que para justificar que Sócrates não poderia ser um cartão de crédito, usamos uma contraparte de Sócrates que não é idêntica e teria pouco a ver com o Sócrates do mundo atual. A segunda teoria é a realismo modal combinatório de Armstrong. O filósofo australiano defende que possibilidades podem ser explicadas a partir da recombinação de indivíduos e

propriedades existentes no mundo atual. A crítica apresentada é que uma teoria desse tipo pode não ser completa no que diz respeito abranger todas as possibilidades – por exemplo, podem haver possibilidades que ainda não são conhecidas no mundo atual.

O décimo capítulo talvez seja o mais importante do livro, pois cumpre a promessa de responder a pergunta inicial “o que é metafísica?”. Para responder a essa pergunta, Mumford torna explícita a estratégia do livro afirmando que metafísica é simplesmente o que ele procurou fazer ao longo dos capítulos do livro. De certa forma, esse também é o objetivo das ciências naturais, ainda que considerem aspectos diferentes daquele considerado pela metafísica. Enquanto a ciência investiga os aspectos concretos e materiais, a metafísica ocupa-se dos aspectos abstratos e mais gerais. Por um lado, a ciência está baseada na observação e lida com entidades específicas (tais como elementos químicos, elétrons, vírus e bactérias), com propriedades dessas entidades (carga, massa), com processos envolvidos (solução, dissolução) e leis como as da atração gravitacional ou o princípio da conservação termodinâmica. Por outro lado, a parte observável da realidade não é o foco da metafísica, pois se preocupa em entender esses objetos de uma forma mais geral, por exemplo, em como classificar os particulares, propriedades, como explicar a mudança ao longo do tempo, a causação, as leis da natureza, etc. Considerando as relações entre ciências e metafísica, Mumford defende que a metafísica seja cientificamente informada. Para reforçar esse ponto, considera um caso apresentado no capítulo sobre a passagem do tempo e afirma que discussões filosóficas sobre a natureza do tempo devem levar em consideração as teorias físicas sobre o tempo, como, por exemplo, a teoria da relatividade geral, que defende que o tempo é uma constante associada ao espaço e não independente e absoluta tal como era anteriormente concebido. Em resposta ao argumento que procura desqualificar a metafísica levando em consideração a sua inutilidade para a vida prática, Mumford afirma que esse argumento é sustentado por premissas falsas, haja vista a grande importância, por exemplo, da

noção de causalidade para a pesquisa científica. Por fim, Mumford conclui o livro defendendo o valor intrínseco e não instrumental da metafísica.

Apesar das muitas qualidades assinaladas, o livro também comporta algumas deficiências. Considerando a sua extensão, não poderia ser completo em relação aos problemas da área, mas há temas fundamentais que deixa de lado, como, por exemplo, a discussão sobre livre arbítrio e determinismo, as teorias sobre leis da natureza, os argumentos a respeito da existência (ou inexistência) de Deus. De todo modo, trata-se de um livro cuja leitura é recomendada a todos aqueles que tenham interesse em se introduzir aos principais problemas da filosofia.

Resenha recebida em 3/10/2014, aprovada em 02/04/2015